FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Dossiê Temático: Educação Inclusiva: Práticas, Políticas e Tecnologias para a Equidade Educacional

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Perceptions of Elementary School Students about Autism Spectrum Disorder

Laura da Silva Nardello [1]

Maewa Martina Gomes da Silva e Souza[2]

Aline de Novaes Conceição[3]

Adriana Alonso Pereira[4]

Resumo: O presente estudo teve como objetivo compreender as percepções de estudantes sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), buscando identificar como percebem, como compreendem as causas, implicações e como visualizam as possíveis interações com colegas com TEA. O foco central foi analisar as percepções de 72 estudantes sobre o TEA, sendo os participantes alunos do Ensino Fundamental I e II de uma escola da região do Distrito Federal. A pesquisa utilizou um questionário composto por quatro perguntas, utilizando como metodologia a abordagem qualitativa de cunho exploratório. Os dados mostram que a maioria dos participantes da pesquisa se encontram na categoria de "desconhecimento" sobre o conceito de TEA, as causas, possíveis implicações e possibilidade de interação com uma pessoa com TEA. Esse estudo nos mostra que a maioria das estudantes desconhecem o TEA, evidenciando a urgência de ser trabalhado nas práticas pedagógicas estratégias que trabalhem com os alunos sobre o tema, a fim de que percepções cada vez mais adequadas a respeito do TEA sejam formadas, e tenham atitudes sociais favoráveis em relação aos colegas com essa condição e tenham maior entendimento sobre o tema. Trabalhar o TEA na escola torna-se algo indispensável para que se tenha entendimento e respeito para com os colegas com TEA, e para que a convivência no ambiente escolar seja de fato benéfico a todos os alunos.

[1] Pedagoga. Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília. E-mail para contato: laura.nardello@unesp.br.

[2] Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista – UNESP /Marília. E-mail para contato: maewa.martina@unesp.br.

[3] Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília. E-mail para contato: adriana.hds@gmail.com

[3] Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista – UNESP /Marília. E-mail para contato: aline.novaes@unesp.br

[4] Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília. E-mail para contato: adriana.hds@gmail.com

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Palavras-chave: Percepções de deficiência. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar.

Abstract: The present study aimed to understand student's perceptions of Autism Spectrum Disorder (ASD), seeking to identify how they perceive it, how they understand its causes and implications, and how they envision possible interactions with peers with ASD. The central focus was to analyze the perceptions of 72 students regarding ASD, with participants being Elementary and Middle School students from a school in the Federal District region. The research used a questionnaire composed of four questions to guide the study and capture the participants' perspectives on the topic, employing a qualitative exploratory approach. The data show that the vast majority of participants fall into the category of "lack of knowledge" regarding the concept of ASD, its causes, possible implications, and possibilities for interaction with a person with ASD. This study demonstrates that most children are unfamiliar with ASD, highlighting the urgency of addressing the topic through pedagogical practices and strategies that engage students in learning about the subject. Such actions are essential for promoting more accurate conceptions of ASD and encouraging socially positive attitudes toward peers with this condition, as well as fostering a broader understanding of the topic. Discussing ASD in school becomes indispensable for promoting understanding and respect toward classmates with ASD and for ensuring that school coexistence is truly beneficial for all students.

Keywords: Perceptions of Disability. Autism Spectrum Disorder. School Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o desenvolvimento neurológico do indivíduo, por se tratar de um transtorno que envolve diversos fatores complexos, este vem sendo alvo de muitos estudos na área da Educação Especial, no sentido de buscar melhorias para as pessoas com essa condição, tendo em vista que cada pessoa com TEA apresenta características próprias, ou seja, cada pessoa dentro do espectro traz consigo suas particularidades e necessidades específicas e para que essas sejam atendidas é necessário ter intervenções e suporte necessários.

Rodrigues e Souza (2025), defendem que para isso,

> [...] essas ações devem estar voltadas para estimular áreas específicas do cérebro, com vistas a desenvolver habilidades que auxiliem as pessoas com autismo a superarem os déficits apresentados. Nesse contexto, o acompanhamento interdisciplinar, que contempla tanto o ambiente terapêutico quanto o escolar, torna-se essencial para garantir avanços consistentes e significativos.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Portanto, os suportes a serem dados aos alunos com TEA devem ser para além do espaço escolar e ter diálogo entre os atendimentos terapêuticos que o aluno faz fora da escola, a fim de juntos proporcionarem um desenvolvimento atrelando o processo de ensino, aprendizagem e as terapias.

Pensando no desenvolvimento do aluno com TEA no ambiente escolar, torna-se indispensável pensar nas percepções que os alunos sem deficiência e/ou neurodivergência tem a respeito desses alunos com essa condição, para que tenham atitudes sociais favoráveis ao convívio com esses colegas, vale ressaltar que as

> [...] atitudes sociais estão intrinsecamente vinculadas a um objeto atitudinal, podendo manifestar-se de forma positiva ou negativa, ou seja, favorável ou desfavorável. Essas atitudes são compostas por três componentes principais: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. O componente cognitivo refere-se ao conhecimento [...] sobre o objeto atitudinal, incluindo suas representações mentais, avaliações, julgamentos e crenças relacionadas a ele. O componente afetivo envolve os sentimentos de apreço ou repulsa em relação ao objeto, refletindo emoções positivas ou negativas. Por fim, o componente comportamental diz respeito às ações ou comportamentos do sujeito direcionados ao objeto atitudinal, que tendem a ser consistentes com suas crenças e emoções associada (Conceição; Barbosa; Vieira, 2025, p. 37992).

Para Omote, Baleotti e Chacon (2022, p.48)

> A importância do estudo das atitudes sociais não está apenas na associação destas com o comportamento, mas também porque indicam as definições do problema, mantidas pelos membros de uma coletividade, e servem de quadro de referência dentro do qual ocorrem comportamentos direcionados ao objeto atitudinal.

Segundo Conceição (2020, p. 31) "[...] é possível alterar atitudes sociais em relação à inclusão de estudantes e adultos, a partir de informações sobre a temática". Dessa forma, investigar percepções de estudantes a respeito do TEA busca proporcionar que esses desenvolvam atitudes sociais adequadas para que o clima da sala de aula seja favorável. Segundo Castellini (2022, p. 339) quando isso ocorre há, "[...] uma boa convivência entre os pares, um ambiente acolhedor, de pessoas satisfeitas e um bom desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem [...]",

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

influenciando no desenvolvimento dos alunos, portanto, deve-se considerar que as percepções e atitudes sociais dos alunos sem deficiência tem grande importância, pois trazem a possibilidade de melhorar o clima entre os estudantes, sendo o convívio com colegas com TEA em sala de aula um dos fatores importantes para esse desenvolvimento além das práticas pedagógicas inclusivas dos professores para que esse convívio seja benéfico para todos.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa tem como objetivo geral compreender as percepções de estudantes sobre o TEA, buscando identificar como percebem, como compreendem as causas, implicações e como visualizam as possíveis interações com colegas com TEA.

Para alcançar os objetivos, foi conduzida uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, utilizando um questionário com categorias estabelecidas elaborado por Souza (2010), que permitiu identificar categorias relevantes e interpretar os significados atribuídos pelos participantes ao TEA[5].

Espera-se que a pesquisa contribua para ampliar o conhecimento sobre a percepção de estudantes em relação ao TEA, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas pedagógicas e políticas públicas inclusivas. Ao trazer à tona as percepções desse público, a investigação buscou servir à comunidade escolar, proporcionando reflexões sobre inclusão e convivência, além de fomentar ações que promovam ambientes educacionais mais acolhedores e equitativos. Assim, a pesquisa não apenas avança o campo científico, mas também oferece contribuições práticas para educadores, gestores e formuladores de políticas, reforçando o compromisso com uma ciência voltada à transformação social e ao fortalecimento da educação inclusiva.

Tendo em vista a importância de ser trabalhado esses assuntos nas escolas, para que seja de entendimento da maioria do quanto é importante respeitar as diferenças dos colegas com o transtorno e como forma de sanar os preconceitos e as ideias equivocadas a respeito do espectro

[5] Em delineamento metodológico, haverá maior detalhe sobre os procedimentos metodológicos.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

> [...] acredita-se que programas informativos sobre mudanças de percepções de deficiência e atitudes sociais com relação à inclusão possam auxiliar nesse processo de esclarecimento quanto ao conceito de deficiência, de modo a permitir que os alunos possam ter uma compreensão cada vez mais adequada, favorável e inclusiva sobre o autismo (Reis, 2023, p.10).

É importante ter como base as percepções dos alunos que não são pessoas com deficiência ou neurodivergência acerca dos alunos com TEA pois, traz possibilidades aos professores verificar quais lacunas devem ser preenchidas em questão dos preconceitos e ideias equivocadas, dando um olhar mais amplo do que deve ser trabalhado com seus alunos para tornar a sala de aula um local de fato inclusivo. Tendo em vista que,

> [...] O convívio social leva a quebra de estigmas e percepções equivocadas acerca de transtornos e deficiências, pois somente a relação diária direta poderá proporcionar a efetivação e superação desses, bem como o papel do professor como mediador dessas relações (Reis, 2023, p.15).

As interações dos alunos sem deficiência com os alunos com TEA, é de suma importância pois, é a partir das interações que vão construindo as percepções a respeito do espectro. Segundo Dias (2024) e Souza (2014) os alunos tendem a desenvolver uma concepção mais adequada das deficiências a partir da pré-adolescência, pois conseguem assimilar melhor os conceitos remetendo maior clareza ao que for abordado a respeito da deficiência, no caso da deficiência intelectual (neste caso o TEA), este entendimento tende a ser mais dificultoso, pois segundo Dias, Souza e Conceição (2024, p. 287) “crianças e adolescentes apresentaram dificuldade em entender as causas do TEA, pois o conceito envolve explicações biológicas e neurológicas complexas que podem ser abstratas para eles”, por se tratar de características não perceptíveis como nas deficiências físicas. Assim

> [...] acham difícil entender que o autismo não é algo que alguém “pega” ou que possa ser “curado”, mas sim uma condição que faz parte da identidade e da maneira única de cada indivíduo perceber e interagir com o mundo. Essa compreensão requer uma empatia e abstração que se desenvolvem gradualmente ao longo do tempo, com apoio adequado (Dias; Souza; Conceição, 2023, p. 287).

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Portanto, é evidente a falta de conhecimento quanto ao TEA por parte dos alunos, e para que essas percepções sejam modificadas é necessário entendimento dos professores e demais profissionais que permeiam o ambiente escolar para que consiga formular percepções mais adequadas. Para Dias, Souza e Conceição (2024) torna-se necessário,

> [...] que novas práticas de abordagem e novas estratégias pedagógicas sejam desenvolvidas dentro dos ambientes escolares, preparando os profissionais da educação para que tenham ferramentas adequadas para tratar do tema de forma efetiva e, assim, o conhecimento a respeito do autismo possa alcançar um maior número de estudantes que convivem diariamente com as pessoas com esse transtorno [...] (Dias, 2024, p. 292).

Para que os profissionais estejam preparados para mediar os alunos na formação das suas percepções sobre o TEA, estes precisam estar preparados no assunto para que consiga auxiliá-los de forma eficaz e torne o ambiente escolar mais inclusivo.

2 METODOLOGIA

Participaram do estudo 72 estudantes de uma escola pública do Ensino Fundamental I e II, localizada na região do Distrito Federal. As idades dos alunos variavam entre 6 e 15 anos, contemplando participantes do gênero masculino e feminino. Para a organização e apresentação dos dados, os participantes foram identificados por grupos correspondentes ao ano escolar: G1 refere-se ao 1º ano do Ensino Fundamental; G2, ao 2º ano; e assim sucessivamente, até G9, correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, G1 a G5 representam os anos iniciais e G6 a G9, os anos finais do Ensino Fundamental.

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, a partir da qual foi realizado um recorte específico, utilizando-se um questionário previamente validado (Souza, 2010). A coleta de dados foi realizada com os participantes previamente identificados, e a análise foi conduzida com base nesse material.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

A abordagem metodológica adotada é de natureza qualitativa, uma vez que, conforme afirmam Almeida *et. al.* (2020, p. 4), "[...] o estudo busca compreender comportamentos, estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos [...]".

Considerando que o objetivo central desta investigação é analisar as percepções de estudantes sobre o TEA, a escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela sua adequação à exploração de percepções, significados e representações construídas no contexto das relações sociais e escolares.

> [...] A pesquisa qualitativa como metodologia, é um valioso instrumento educacional, contribuindo, inclusive, como revelador da realidade social de um determinado grupo de indivíduos, o que não exclui o universo infantil [...] (Almeida *et. al.*, 2020, p. 4).

A abordagem qualitativa adotada neste estudo visa à compreensão das percepções expressas pelos participantes nos questionários, considerando os sentidos atribuídos por crianças e adolescentes ao TEA, suas explicações, dúvidas e formas de interpretar a convivência com colegas autistas. A apresentação de frequências e porcentagens possui função descritiva e complementar: permite dimensionar a recorrência das categorias construídas a partir das respostas, mas não constitui, isoladamente, o eixo da análise nem envolve procedimentos de inferência estatística. O foco interpretativo permanece nas respostas dos participantes, em seus conteúdos e significados, especialmente nas concepções, justificativas e representações que revelam. Assim, trata-se de uma investigação qualitativa, de caráter exploratório, que utiliza recursos de quantificação simples para organizar e tornar mais inteligível a distribuição das categorias, sem transformar a frequência em explicação do fenômeno.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, o estudo fundamenta-se na concepção apresentada por Losch, Rambo e Ferreira (2023), segundo a qual esse tipo de investigação tem como finalidade compreender e explorar um fenômeno ou questão de interesse, buscando a familiarização com temas ainda pouco conhecidos ou pouco explorados no campo científico.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Dado que este estudo se debruça sobre as percepções de estudantes acerca do TEA, tema ainda incipientemente explorado na literatura nacional, entende-se como pertinente e necessária a sua investigação, especialmente no contexto escolar. A intenção foi identificar lacunas que possam orientar intervenções pedagógicas mais adequadas, promovendo uma compreensão mais inclusiva e precisa sobre o TEA.

Para a coleta de dados, utilizou-se o questionário desenvolvido por Souza (2010), baseado na versão original de Magiati, Dockrell e Logotheti (2002). Souza (2019) ampliou o instrumento, contemplando não apenas a percepção sobre diferentes deficiências, mas também aspectos relacionados ao contato e à interação com pessoas com deficiência, abrangendo ainda percepções sobre superdotação e o TEA.

O questionário é composto por 24 questões, que exploram diferentes dimensões da percepção infantil, tais como: conhecimentos sobre o tema, causas atribuídas, implicações percebidas e possibilidades de interação com o público-alvo da Educação Especial.

Para fins deste recorte analítico, foram selecionadas exclusivamente as quatro questões referentes ao TEA, com ênfase nos itens que abordam conhecimentos prévios, causalidade atribuída, consequências percebidas e a qualidade ou possibilidade de interação com colegas autistas.

Após esclarecimentos com a direção e coordenação das escolas públicas selecionadas, enviamos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os familiares, bem como os Termos de Assentimento (TA) para as estudantes e adolescentes participantes. Tendo interesse na pesquisa, o material foi aplicado coletivamente, sendo necessário apoio sempre que necessário, especialmente aos alunos ainda em fase de alfabetização, no que se refere especificamente a escrita.

Uma vez coletado, foram organizados os dados, feita a tabulação e à análise dos mesmos, sendo possível fornecer escores para as perguntas fechadas e para as demais questões foi necessário utilizar s quatro categorias desenvolvidas por Souza (2010), sendo elas: 1) desconhecimento, 2) ideia fantasiosa, 3) informação equivocada e 4) resposta favorável.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Como mencionado anteriormente, o estudo em questão fez parte de um projeto que respeitou todas as normas estabelecidas pela resolução nº 466/2012 (Brasil, 2012), referentes aos aspectos éticos em pesquisa com seres humanos e foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP)[6].

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão apresentados os tipos de respostas sobre o conceito do TEA e após a categorização delas. Os tipos de respostas apresentados pelos alunos encontram-se no primeiro quadro, a seguir.

Quadro 1 - Respostas apresentadas pelos participantes sobre o conceito do TEA.

GRUPOS	RESPOSTAS
G1	P8 - "O que é autista ?"
	P1 - "Não sabe falar direito"
	P6 - "Não olha nos olhos das pessoas e não procura crianças para brincar"
G2	P1 - "Não sei"
	P5 - "Não conversa, tem um menino aqui no recreio que baba e come tudo porco, credo"
	P3 - "É especial"
G3[7]	P1 - "Sem ouvir"
G5	P1 - "Uma criança que tem problemas de comunicação ou mentais
G6	P1 - "Não sei"

[6] Número de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa: 0542/2012.

[7] Como é possível perceber, não há G4, o referido grupo da escola não aderiu a pesquisa, nenhuma família, logo, não temos dados para discutir.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

	P8 - “Muito diferente”
	P2 - “Que tem dificuldade de se solisinas”
G7	P2 - “Não sei”
	P3 - “Normal”
	P10 - “Uma criança que tem o mundo só seu, ele vive no próprio mundo que ele cria”
G8	P5 - “Não sei”
	P9 - “Uma criança que tem o jeito diferente e tem a mentalidade de uma criança”
	P3 - “Uma criança que não consegue ficar quieta (muita energia)”
G9	P7 - “Não sei”
	P8 - “Ela faz coisas que não gostamos tiram as roupas batem nas pessoas”
	P11 - “É uma criança que tem um aprendizado menor”

Fonte: elaboração própria.

O quadro 1 permite a visualização de uma amostra das respostas que foram expressas pelas estudantes participantes da pesquisa sobre o conceito do TEA. As respostas apresentadas no Quadro 1 também merecem atenção pelo modo como algumas crianças mobilizam expressões estigmatizantes ou explicações baseadas em ideias imprecisas para caracterizar o TEA. Essas manifestações não devem ser interpretadas como atributos dos estudantes com TEA, mas como indícios das representações que circulam socialmente e que são apropriadas, reproduzidas ou reelaboradas pelas crianças. Quando uma resposta associa o autismo a imagens depreciativas, generalizações ou características únicas, evidencia-se a necessidade

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

de problematizar tais percepções, uma vez que elas podem contribuir para a produção de distanciamentos, estigmas e barreiras à participação no cotidiano escolar.

É importante considerar, contudo, que a presença de falas estigmatizantes não nos permite concluir, que os participantes apresentem atitudes deliberadamente discriminatórias. As respostas foram produzidas em uma situação de investigação e expressam conhecimentos, experiências, vocabulários e referências disponíveis aos estudantes naquele momento. A análise dessas manifestações deve, portanto, considerar a faixa etária, o percurso de escolarização e as oportunidades de contato e aprendizagem sobre o tema. Essa leitura permite compreender tais falas como material relevante para identificar lacunas formativas e planejar intervenções pedagógicas, sem naturalizar ou legitimar os conteúdos discriminatórios nelas presentes.

Resultados que apontam dificuldades semelhantes na compreensão do TEA foram encontrados por Reis (2023), em estudo sobre as percepções de crianças e pré-adolescentes, no qual se evidenciaram desconhecimento e concepções pouco fundamentadas acerca do autismo. A aproximação entre os achados reforça que a circulação de informações sobre o TEA não assegura, por si só, a construção de conhecimentos consistentes. É necessário que a escola promova situações intencionais de diálogo e aprendizagem, nas quais as crianças possam questionar explicações equivocadas, compreender a heterogeneidade do espectro e reconhecer que as características e necessidades de apoio variam entre as pessoas.

Na mesma direção, Rodrigues e Souza (2025), ao investigarem as percepções de estudantes do Ensino Fundamental sobre conceitos, causas e dificuldades de estudantes com TEA na escola, identificaram lacunas de conhecimento e explicações nem sempre adequadas sobre o transtorno e suas implicações na escolarização. A convergência entre esses resultados e os encontrados no presente estudo evidencia a relevância de ouvir os próprios estudantes: suas respostas oferecem pistas sobre os sentidos que atribuem ao autismo e sobre aspectos que precisam ser abordados pedagogicamente. Mais do que corrigir respostas isoladas, importa criar oportunidades para que os alunos compreendam a diversidade de modos de

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA
ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

comunicação, interação e participação, evitando que diferenças sejam convertidas em motivo de desvalorização ou exclusão.

Tabela 1 - Frequência das respostas apresentadas por categorias.

CATEGORIAS	**GRUPOS**									
	G 1	**G2**	**G3**	**G5**	**G6**	**G7**	**G8**	**G9**	**T**	**%**
Desconhecimento	3	2	5	0	6	12	10	9	47	65,28
Ideia Fantasiosa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Inf. Equivocada	4	2	0	0	1	1	2	3	13	18,06
Resp. Favorável	1	1	0	1	1	6	1	1	12	16,67

Fonte: elaboração própria.

Tendo em vista a possibilidade do agrupamento das três primeiras categorias, optou-se por fazê-lo para visualizar os tipos de respostas, sendo elas desfavoráveis ou favoráveis, tendo como objetivo comparar as possíveis divergências entre as frequências observadas. O agrupamento das categorias pode ser visualizado na Tabela 2.

Tabela 2 - Frequências provenientes do agrupamento das categorias.

Categorias	**G1**	**G2**	**G3**	**G5**	**G6**	**G7**	**G8**	**G9**	**T**	**%**
Resp. Desfavorável	7	4	5	0	7	13	12	12	60	83,33
Resp. Favorável	1	1	0	1	1	6	1	1	12	16,67

Fonte: elaboração própria.

Como pode ser observado, a maioria dos participantes encontra-se predominantemente na categoria "Desconhecimento", o que evidencia a dificuldade

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

em definir o TEA. Outras categorias de resposta também foram identificadas, com exceção da "Ideia Fantasiosa". No entanto, em menor proporção, destaca-se a categoria "Resposta Favorável", que reúne manifestações mais próximas de uma compreensão adequada sobre o TEA.

Esses dados sugerem a necessidade urgente de ampliar o debate sobre o TEA no ambiente escolar, promovendo ações educativas que contribuam para o desenvolvimento de percepções mais informadas e inclusivas entre os estudantes, pois são indícios de atitudes sociais

No quadro 2 será apresentado amostras de respostas dos participantes quando foi perguntado a eles quais são as possíveis causas do TEA, tendo em vista suas percepções acerca do transtorno.

Quadro 2 - Amostra de respostas apresentadas pelos participantes sobre as causas do TEA.

GRUPOS	**RESPOSTAS**
G1	P4 - "Ele nasceu assim"
	P6 - "Não sei"
G2	P5 - "Minha tia falou que é porque é especial"
	P3 - "Ele nasceu assim"
G3	P1 - "Não sei"
G5	P1 - "Por acidentes ou problemas no convívio"
G6	P1 - "Não sei"
G7	P1 - "Não se sabe ainda"
	P2 - "Problemas na gravidez"
	P8 - "Por ter problema mental que pode afeta-la"

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

	P17 - "Não sei"
G8	P3 - "Má formação" P13 - "Não sei" P1 - "Que eu saiba a criança já nasce com o auistmo"
G9	P1 - "Acidentes ou má formação" P5 - "Consequencia da vida dos pais"

Fonte: elaboração própria.

O quadro 2 permite a visualização de uma amostra das respostas que foram expressas pelos estudantes participantes da pesquisa sobre a causa do TEA, agora iremos apresentar a contagem de frequência das categorias das amostras apresentadas, sendo que pôde ser observado falas como Desconhecimento, Doença, Gestação, Nascimento e Acidentes.

Tabela 3 - Frequência de respostas por categorias de causas do TEA.

	GRUPOS									
CATEGORIAS	**G1**	**G2**	**G3**	**G5**	**G6**	**G7**	**G8**	**G9**	**T**	**%**
Desconhecimento	1	4	5	0	8	14	11	12	55	76,39
Doença	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1,39
Gestação	0	0	0	0	0	1	1	0	2	3
Nascimento	7	1	0	0	0	3	1	0	12	17
Acidentes	0	0	0	1	0	0	0	1	2	3

Fonte: elaboração própria.

Os resultados nos mostram que em relação a causa do TEA a maioria dos estudantes ainda se encontram na categoria de "desconhecimento", isso se deve pelo

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

fato de que o autismo abrange conceitos que segundo Dias, Souza e Conceição (2023),

> [...] envolve explicações biológicas e neurológicas complexas que podem ser abstratas para eles. Compreender que o autismo está relacionado a diferenças no desenvolvimento e funcionamento do cérebro exige uma capacidade de pensamento que vai além das noções concretas com as quais as crianças estão mais familiarizadas.

Pelo fato de o indivíduo com TEA não apresentar características aparentes torna-se difícil para que os estudantes atribuam causas ao mesmo, tendo em vista que elas tendem a atribuir tais causas ao que elas conseguem observar no dia a dia.

Os resultados nos mostram que os alunos que não se encontram na categoria de “Desconhecimento”, atribuem a causa do TEA a categoria relacionada ao “Nascimento”, esses participantes demonstram que tem algum entendimento sobre as possíveis causas da condição, pelo fato de que o indivíduo nascer já com o transtorno.

O que os estudantes não compreendem é que o TEA trata-se de um transtorno que afeta o neurodesenvolvimento do indivíduo, o que traz para o mesmo a necessidade de apoio para a realização de atividades diárias a depender do nível de suporte de que o mesmo se encontra, tendo em vista que o TEA traz complicações na comunicação social, dificuldades na comunicação verbal e padrões de comportamentos limitados e repetitivo, podendo ter hiperfocos em atividades e interesses restritos entre outras complicações que o transtorno pode trazer para o indivíduo. No entanto, o indivíduo terá que conviver com essas condições pelo resto da vida, tendo os suportes necessários para atender às suas necessidades, de modo que consiga se desenvolver e estar inserido da melhor forma no ambiente escolar, bem como na sociedade. Para que os estudantes tenham maior conhecimento sobre as causas do TEA, torna-se importante que seja trabalhado mais intensamente sobre o tema com os mesmos, a começar com práticas educativas que estabeleçam entre os alunos o conhecimento das características do colega autista.

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Nesse sentido, os participantes foram questionados sobre as possíveis implicações do TEA, no quadro 3 será apresentado amostras de respostas dadas pelos participantes.

Quadro 3 - Amostra de resposta dos participantes sobre as possíveis implicações do TEA.

GRUPOS	RESPOSTAS
G1	P5 - "Ele é perigoso" P4 - "Ajudar a descer a escada" P8 - "A tia tem que ajudar todos esses né"
G2	P5 - "Ain, tia, ele só vem para comer no recreio, eu acho." P3 - "Tem que mostrar o dever dela" P4 - "Ajudar a subir a escada"
G3	P1 - "Não sei"
G5	P1 - "Problemas de comunicação"
G6	P1 - "Não sei" P2 - "Com os outros colegas" P3 - "Sempre a mãe e o pai tem que ajuda nos deveres de casa"
G7	P16 - "A dificuldade de fazer amizades" P10 - "Nenhuma" P18 - "Concentração"
G8	P3 - "Convivencia com preconceituosos"

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

	P10 - "Na hora de realizar alguma atividade sozinho" P13 - "Não sei"
G9	P1 - "Podem ter um mal entendimento da matéria." P8 - "Convivência com os outros alunos." P10 - "Não sei"

Fonte: elaboração própria.

Pode ser observado no quadro 3, que os participantes trazem uma variedade de respostas referente às implicações do TEA, portanto, para melhor entendimento desses dados, eles serão divididos em 4 categorias, sendo elas: "Desconhecimento", "Dificuldades físicas", "Dificuldades escolares" e "Dificuldades interpessoais". Agora iremos apresentar a contagem das frequências dessas categorias na Tabela 4.

Tabela 4 - frequência de respostas por categorias de implicações.

	GRUPOS									
CATEGORIAS	**G1**	**G2**	**G3**	**G5**	**G6**	**G7**	**G8**	**G9**	**T**	**%**
Desconhecimento	0	3	5	0	6	13	8	10	45	63
Dificuldades físicas	2	1	0	0	0	0	0	0	3	4,17
Dificuldades escolares	4	1	0	0	1	2	3	1	12	17
Dificuldades interpessoais	2	0	0	1	1	4	2	2	12	17

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 4 nos mostra que mais uma vez a predominância da categoria de "Desconhecimento" é muito grande entre os participantes, vale ressaltar que essa categoria se expressa mais fortemente nos grupos dos estudantes mais velhas sendo o (Grupo 7, Grupo 8 e Grupo 9).

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Os participantes do (Grupo 1) apontaram implicações do TEA relacionadas à categoria "Dificuldades escolares", como o atraso no aprendizado e realização de atividades. A categoria de "Dificuldades interpessoais", embora tenha sido pouco mencionada entre os participantes, é preciso ressaltar pelo fato de ter relação com o convívio do aluno com TEA com os demais alunos, tendo em vista que esses alunos estão mais propensos a sofrerem com algum tipo de preconceito ou até mesmo *bullying* dentro do ambiente escolar e até mesmo fora dele por comportamentos típicos do transtorno que na maioria das vezes não é respeitado (compreendido) pelas pessoas a sua volta.

Dessa forma, é importante que seja trabalhado com os alunos sobre o *bullying* e o respeito às diferenças, outro aspecto que se torna indispensável para que os estudantes possam formar suas percepções sobre os colegas com a condição, é ter contato, pois segundo Rodrigues e Souza (2025)

> [...] a teoria de Vygotsky sugere que, ao se envolverem socialmente com colegas que apresentam comportamentos atípicos, os alunos têm a oportunidade de ampliarem suas noções de normalidade e diferença, construindo uma visão mais neutralizada e favorável sobre esses temas.

Sendo assim, a socialização de estudantes com desenvolvimento atípicos com as demais se torna importante para que as diferenças sejam respeitadas e os preconceitos possam ser cada vez mais minorados, a fim de haver um ambiente inclusivo que todos saibam respeitar as diferenças, para que isso ocorra de forma efetiva. Dias, Souza e Conceição (2023, p.289) destacam

> [...] a importância da necessidade de um aprofundamento a respeito das concepções sobre autismo por parte dos envolvidos na educação, sejam alunos, sejam, professores, sejam responsáveis, bem como das características dos portadores de tal transtorno.

É preciso compreensão por parte de todos os envolvidos no ambiente escolar para que o aluno com TEA se sinta confortável e que aquele local seja acolhedor a ele trazendo oportunidade de desenvolvimento.

Para isso, foi perguntado aos participantes sobre qual a possibilidade de interação com uma pessoa com TEA, serão apresentadas as respostas no Quadro 4.

ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

Quadro 4 - Amostras das respostas apresentadas pelos participantes sobre a possível interação com uma pessoa com TEA na mesma sala de aula.

GRUPOS	RESPOSTAS
G1	P5 - "Não. Ele machuca meu irmão."
	P6 - "Sim. A criança autista pode olhar na atividade da escola."
G2	P5 - "Não. Ele baba e é nojento."
	P4 - "Sim. Porque sim."
G3	P3 - "Sim. Não. Não sei."
G5	P1- "Sim. Ela pode entender alguma coisa."
G6	P2 - "Sim. Por que eu posso ajudala."
	P6 - "Sim. Não sei."
G7	P4 - "Sim. Porque ela tem o mesmo direito que a gente."
	P16 - "Não. Ela merece uma classe que respeite sua dificuldade."
G8	P3 - "Sim. Ela é como TODOS NÓS."
	P9 - "Não. Porque ele precisa de uma atenção maior."
G9	P1 - "Sim. Porque isso pode ajudalo."
	P7 - "Não sei."

Fonte: elaboração própria.

Como pode ser observado no Quadro 4, as respostas dos participantes variam entre "Sim", "Não" e "Não sei". Portanto, para melhor visualizar optamos por classificar

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA
ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

em favoráveis (Sim) e desfavoráveis (Não e Não sei), que será apresentado na Tabela 5.

Tabela 5 - frequência das respostas obtidas por categoria.

	GRUPOS									
CATEGORIAS	**G1**	**G2**	**G3**	**G5**	**G6**	**G7**	**G8**	**G9**	**T**	**%**
Resposta desfavorável	3	4	5	0	2	10	9	3	36	50
Resposta favorável	5	1	0	1	6	9	4	10	36	50

Fonte: elaboração própria.

Podemos observar que, ao serem questionados sobre a possibilidade de interagir com uma pessoa com TEA, os dados revelaram um empate entre as categorias de respostas favoráveis e desfavoráveis. Isso indica que, mesmo diante do desconhecimento evidenciado nas questões anteriores, 50% dos participantes se mostraram dispostos a interagir com uma pessoa com TEA, demonstrando abertura para respeitá-la e até mesmo auxiliá-la. Um exemplo pode ser observado na fala do participante G9P1: “Sim. Porque isso pode ajudá-lo”, evidenciando disposição para apoiar o colega em suas dificuldades e posicionando-se favoravelmente à presença de alunos com TEA na sala de aula.

No entanto, a porcentagem de respostas desfavoráveis é preocupante. Dessa forma, observa-se a urgência de se trabalhar o tema com os alunos, com o objetivo de desconstruir os preconceitos que ainda existem em relação aos colegas com TEA. Tal ação contribuirá para a formação de percepções mais adequadas, possibilitadas pelo convívio escolar, e para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo para os alunos com TEA.

Nesse sentido, os dados desta pesquisa dialogam com os achados de Dias, Souza e Conceição (2024), que, em estudo de natureza semelhante, embora apenas com alunos dos anos iniciais do Ciclo Fundamental, identificaram que 32,25% dos estudantes demonstraram aceitação parcial, enquanto 67,75% apresentaram respostas favoráveis à presença de colegas com TEA em sala de aula. A comparação

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA
ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

entre os estudos reforça a importância de iniciativas educativas que promovam a empatia, o respeito às diferenças e o fortalecimento da cultura inclusiva nas escolas, contribuindo para a superação de estigmas ainda presentes nas relações entre os pares no ambiente escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo compreender as percepções dos estudantes acerca do TEA, buscando identificar seus conhecimentos sobre o transtorno, suas possíveis causas e implicações, bem como a forma como visualizam as interações com colegas com TEA.

Os resultados demonstraram que a maioria dos estudantes se encontra na categoria "desconhecimento" em relação ao conceito de TEA. Esse resultado pode estar associado à complexidade do transtorno e à escassez de informações acessíveis sobre o tema no ambiente escolar. Em relação às suas causas, a dificuldade de compreensão pode ser ampliada pelo fato de o TEA não apresentar, necessariamente, características físicas aparentes. Assim, os estudantes tendem a formular explicações com base no que conseguem observar em seu cotidiano. Entre aqueles cujas respostas não foram classificadas como "desconhecimento", destacou-se a categoria "nascimento", o que sugere algum entendimento de que o TEA está relacionado ao desenvolvimento do indivíduo. É possível que esses estudantes já tenham tido contato com informações sobre o tema ou convivam com alguma pessoa autista, uma vez que essa experiência pode contribuir para a formação de percepções mais informadas.

No que se refere às implicações do TEA no ambiente escolar, a maioria das respostas também foi classificada na categoria "desconhecimento". Entretanto, surgiram referências às "dificuldades escolares" e às "dificuldades interpessoais". Os participantes mencionaram que estudantes com TEA podem apresentar dificuldades para acompanhar determinadas atividades, necessitando de apoio para realizá-las. Também indicaram possíveis desafios para estabelecer amizades e observaram que

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA
ISSN: 2526-8023
DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

a convivência em espaços com muitos alunos pode tornar esses estudantes mais vulneráveis ao preconceito, sobretudo em razão da falta de conhecimento e compreensão por parte dos colegas.

Em relação à possibilidade de interação com uma pessoa autista, as respostas dividiram-se entre as categorias "resposta favorável" e "resposta desfavorável". Enquanto parte dos participantes se mostrou aberta à interação, outra parte declarou não se sentir preparada para essa convivência. Essa insegurança parece estar relacionada, principalmente, à falta de conhecimento sobre o TEA e ao receio de não saber como agir diante de uma pessoa autista.

Desse modo, o estudo evidencia que grande parte dos estudantes possui conhecimentos limitados sobre o TEA, apontando para a necessidade de que essa temática seja incorporada às práticas pedagógicas. É importante desenvolver estratégias que permitam aos alunos conhecer as características do transtorno e compreender que cada pessoa com TEA possui necessidades, habilidades e formas de interação singulares. A abordagem do tema em sala de aula pode contribuir para a construção de percepções mais adequadas e para o desenvolvimento de atitudes sociais favoráveis em relação aos colegas autistas.

Trabalhar o TEA no contexto escolar é, portanto, indispensável para promover o conhecimento, o respeito e a valorização das diferenças. Mais do que transmitir informações, a escola deve criar oportunidades de diálogo, reflexão e convivência que favoreçam a participação de todos os estudantes. Dessa maneira, poderá contribuir para a redução de preconceitos e para a construção de um ambiente verdadeiramente inclusivo, no qual os estudantes com TEA sejam reconhecidos em suas potencialidades e tenham suas necessidades respeitadas.

Cabe ressaltar que, para abordar essa temática com os alunos, os professores precisam dispor de conhecimentos teóricos e práticos suficientes. Isso reforça a importância da formação inicial e continuada dos profissionais da educação, de modo que possam reconhecer as particularidades dos estudantes com TEA, selecionar estratégias pedagógicas adequadas e mediar as relações estabelecidas em sala de aula. Essa formação não deve ser entendida apenas como uma responsabilidade

FACULDADE SANT'ANA EM REVISTA

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

individual do professor, mas como parte de um compromisso institucional que envolve a escola, os sistemas de ensino e as políticas educacionais.

Conclui-se, assim, que a ampliação do conhecimento sobre o TEA pode favorecer não somente a aprendizagem dos estudantes autistas, mas também a formação humana de toda a comunidade escolar. Ao possibilitar que os alunos compreendam diferentes formas de comunicação, comportamento e interação, a escola fortalece valores como empatia, respeito e cooperação. Tais ações podem transformar as relações cotidianas e contribuir para que a inclusão deixe de ser apenas um princípio previsto em documentos e se concretize nas experiências vivenciadas no ambiente escolar.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de novas investigações que ampliem a compreensão sobre as percepções dos estudantes e avaliem os efeitos de intervenções educativas voltadas ao TEA. Estudos futuros poderão incluir um número maior de participantes, diferentes etapas de ensino e distintas realidades escolares. Também poderão analisar de que maneira atividades de sensibilização, projetos pedagógicos e experiências de convivência influenciam o conhecimento e as atitudes dos alunos, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas inclusivas mais efetivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. da Conceição Vicente de; TALINA, M. Duarte Lopes; JANTALIA, C.; QUEIROZ, P. Pires de. A utilização da pesquisa qualitativa como metodologia pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Pós-Graduação,** Brasília, v. 16, n. 35, p. 1–17, 2020. DOI: 10.21713/rbpg.v16i35.1651. Disponível em: https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1651 . Acesso em: 29 out. 2026.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf . Acesso em: 29 out. 2026.

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

CASTELLINI, Thaís São João. Reflexões sobre as dimensões que compõem o clima escolar com base em uma pesquisa de adaptação de um instrumento de avaliação do clima escolar para anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista Veras**, v. 10, n. 2, 2025. Acesso em: 29 out. 2026.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; BARBOSA, Miriam Pires; VIEIRA, Camila Mugnai. Atitudes sociais e inclusão: análise de produções científicas. **Aracê**, São Paulo, v. 7, n. 7, p. 37990–38006, 2025. DOI: 10.56238/arev7n7-166. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/6570. Acesso em: 29 out. 2026.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. Indícios de mudanças de percepções de alunos sobre a deficiência visual: desenhos de crianças. *In:* SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; PEREIRA, Adriana Alonso (org.). **Atitudes Sociais em relação à Inclusão**: da Educação Infantil ao Ensino Superior. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 30-44. Disponível em: https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_705e8ec0717c4645bcb52d25dcabad6f.pdf Acesso em: 29 out. 2026.

DIAS, Isadora; SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. Percepções de crianças e pré-adolescentes sobre o Transtorno do Espectro Autista. **Série-Estudos,** Campo Grande, v. 29, n. 67, p. 111–130, set./dez. 2024. Disponível em: https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/1912/1350 . Acesso em: 29 out. 2026.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques de Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958 . Acesso em: 29 out. 2026.

MAGIATI, Illiana; DOCKRELL, Julie; LOGOTHETI, Anastasia-Eleni. Young children's understanding of disabilities: the influence of development, context, and cognition. **Applied Development Psychology**, [s. l.], v. 23, p. 409–430, 2002. Acesso em: 29 out. 2026.

REIS, Denyse Augusta. Percepções de crianças e pré-adolescentes sobre o Transtorno do **Espectro do Autismo (TEA).** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2023. Acesso em: 29 out. 2026.

RODRIGUES, Larissa Ferreira; SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. Percepções de estudantes do Ensino Fundamental sobre conceitos, causas e dificuldades de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na escola. **Revista FormAção, Paranavaí**, v. 2, n. 1, p. 114–130, jun. 2025. DOI:

ISSN: 2526-8023

DOI: **10.5281/zenodo.24353934**

10.33871/formação.2025.2.1.10141. Disponível em: https://periodicos.unespar.edu.br/formacao/article/view/10141/7085. Acesso em: 29 out. 2026.

SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. **Percepções de crianças não deficientes acerca das deficiências:** estudo realizado com estudantes de 4 a 6 anos de idade. 2010. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010. Acesso em: 29 out. 2026.

SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. **Estudo evolutivo de percepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014. Acesso em: 29 out. 2026.

SOUZA, Maewa Martina Gomes da Silva e. **Concepções de deficiência e atitudes sociais de crianças e adolescentes sem deficiência pertencentes a contextos sociais diferentes**. 2019. 162 f. Doutorado (Tese de Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019. Acesso em: 29 out. 2026.

Recebido em 20/09/2026
Versão corrigida recebida em 20/10/2026
Aceito em 13/11/2026
Publicado online em 20/11/2026